REVISTA DA FUNDARTE
Ano 13 – Número 25 – Janeiro/Junho 2013

Grupo Patafísica: experiências de mediação artística

Carolina Corrêa Rochefort
carol80cr@yahoo.com.br
Universidade Federal de Pelotas - UFPEL
Priscila Costa Oliveira
costaoliveira.priscila@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas - UFPEL
André Martins Ziegler
aa.martinz02@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Resumo: Este resumo tem como objetivo discutir a mediação como lugar de criação artística a partir das experiências do grupo "Patafísica: mediadores do imaginário", que atua na Galeria, (Galeria A SALA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O grupo estuda, experencia e propõe práticas de mediação que buscam transformar a experiência dos visitantes, explorando sua criatividade, e a produção artística, bem como sua reflexão.Trabalhando a educação do sensível, realizamos práticas que envolvem o visitante a acessar suas memórias para que possam reinventa-las. O objetivo vai além da exposição, de informações biográficas e das técnicas e materiais sobre o trabalho/artista, priorizando a experiência sensorial individual.

Palavras-chave: mediação artística; experiência; prática de mediação.

Group Patafísica: experiences of artísitic mediation

Abstract: This abstract aims to discuss mediation as a place of artistic creation from the experiences of the group Pataphysic: mediators of the imaginary, which operates in the THE ROOM Gallery (Galeria A SALA) of the Federal University of Pelotas (UFPel – Universidade Federal de Pelotas). The group studies, experience and proposes mediation practices and seeks to transform the experience of visitors to explore creativity and artistic production, as well as its reflection.Working in the educative field of the Gallery, are conducted practical that involve the visitor to accessing their memories so they can reinvent it. The purpose goes beyond the exhibition/technical information about the work/artist, prioritizing the individual sensory experience.

Keywords: artistic mediation; experience; mediation practice.

Introdução

Este texto apresenta as atividades de mediação artística desenvolvidas pelo grupo *Patafisica*[1]*: mediadores do imaginário*, que atua na galeria de arte A SALA do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. O grupo, formado por alunos de Artes Visuais, das modalidades Licenciatura e Bacharelado, e por uma

[1] A 'patafísica, definida como a "ciência das soluções imaginárias e das leis que regulam as exceções," [1] foi criada pelo dramaturgo francês Alfred Jarry, escritor, morto em 1907, autor de obras como Ubu Rei e Dr Faustroll. (http://pt.wikipedia.org/wiki/'Patafísica)

professora coordenadora, estuda, constrói, experimenta e propõe mediações práticas que procuram ampliar os sentidos e significados envolvidos na exposição a partir do olhar particular de cada visitante.

O Grupo Patafísica: Mediadores do Imaginário

O Grupo Patafísica: Mediadores do Imaginário (Fig.1 e 2) começou, aproximadamente em setembro de 2011, por um conjunto de pessoas, alunos dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, interessados no estudo da mediação artística como uma experiência artística sensível capaz de ampliar os olhares e modificar a vivência dos indivíduos.

A denominação *Patafísica: mediadores do imaginário*, em especial a palavra "patafísica", foi escolhida em função de seu significado. Segundo Alfred Jarry [1], seu criador, é a "ciência das soluções imaginárias e das leis que regulam as exceções", expressa, frequentemente, por uma linguagem aparentemente sem nexo, fantasiosa, que brinca com a lógica padrão, resultando em um modo muito pessoal, talvez anárquico, de explicação.

E foi na direção da ciência patafísica que o grupo foi constituindo-se e alinhavando formas de ser um grupo, de se deformar enquanto um grupo, estabelecendo relações menos hierárquicas e mais horizontais. Assim também, fomos modelando modos de propor ações de mediação.



Fig. 1: Reunião com parte do grupo na sala de serigrafia do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.



Fig. 2: Parte do grupo em um curso de formação de mediadores no Museu de Arte Lepoldo Gotuzzo/Universidade Federal de Pelotas.

Durante as primeiras reuniões de estudo do grupo, quando procurávamos definir o que é e como propor uma mediação artística, verificamos que a ação de mediar vai além da simples transmissão de informações sobre o artista ou as obras expostas. Ao longo dos estudos, leituras, discussões e relatos de experiências, percebemos que a mediação artística pode ampliar os sentidos propostos por uma exposição de arte na medida em que trabalhamos com o sensível, com a experiência artística *total* [2], ou seja, quando propomos o envolvimento do visitante através de um "fazer artístico".

A mediação artística

A palavra *mediação* tem encontrado na arte um plano potente para pensar/deformar/criar a ação de *mediar*. A mediação artística/cultural, como é denominada pelo campo da arte, é pensada como relevante a partir do século XX, mas é inaugurada no século XVII, quando as coleções reais europeias se

[2] Referência ao conceito desenvolvido pelo artista Helio Oiticica quando este propunha uma "arte total", uma arte que abarque todos os sentidos.

transformaram em coleções públicas, atribuindo a instituição museológica a função expositiva[3].

No campo da arte, a mediação é feita por diferentes recursos, presentes de forma interna ou externa ao evento artístico em questão, em mediação. Desde a crítica em jornais, revistas, televisão, como nos textos de parede, folhetos, catálogos, áudio-guias e principalmente o trabalho interpessoal que acontece nas visitas às instituições/eventos de arte, realizado por um sujeito *mediador*. E é a partir dos nos 80, e principalmente 90, que a figura do monitor ou guia, hoje denominado mediador, aparece nas exposições, galerias, e museus de arte.

Mas a palavra mediação não é nova. Conforme Saraiva [3], mediação, do latim *mediatio,* é intercessão, interposição, intervenção. Por esse designo, notamos que mais do que "ficar no meio", a *mediação* diz da ação de intervir, interferir, interceder entre dois pólos ou mais, e estabelecer relações entre eles. Assim, mais do que entrar em acordo, a mediação encontra sua importância no embate, no conflito com a arte possibilitando o alargamento das leituras e compreensão do mundo e do fazer e pensar artístico. Como podemos acompanhar em Martins [4]:

> [...] A mediação entre arte e público é uma tarefa que, quando criadora, pode ampliar a potencialidade de atribuição do sentido à obra, por um fruidor tornado mais sensível. Além de provocar seu olhar cognitivo, instiga o encontro sensível através dos sentidos, sensações e sentimentos despertados, para a imaginação e a percepção, pois a linguagem da arte fala e é lida por sua própria língua.

Procurando trazer a linguagem da arte para as ações de mediar e, ao mesmo tempo, permitir e instigar a fala dessa língua a partir daquilo que traz a língua de cada visitante, desenvolvemos um método de mediar que envolve a fala e a participação do público através do fazer artístico.

Método de mediação artística

O fazer artístico, ou, a prática de mediação artística como chamamos no grupo, foi inserida em nossas mediações de maneira intuitiva, provocada pela

3 Grinspum [2] diz que antes da "publitização "das instituições museológicas a função expositiva era praticamente nula, predominava-se nos museus como principais funções: coletar, conservar, e pesquisar.

própria arte. Acreditamos que tal provocação tenha surgido durante nossa primeira atuação/exposição, *Você me dá sua palavra?*, da artista Elida Tessler, na qual eram pendurados prendedores escritos com palavras que ela recebia do público, das pessoas com as quais ela cruzava ao longo do dia. Ao solicitar uma palavra que seria escrita no prendedor e que faria parte da exposição, Elida Tessler nos provocou a pensar além da participação na forma verbal, mas numa participação que deixa marcas concretas, linhas, manchas, palavras, em forma de objeto artístico ou enquanto experiência marcante.

Nas ações de pedir, dar e receber a artista abre espaço para o público, fazendo com que este participe de forma direta da exposição, compartilhando e, ao mesmo tempo, respeitando sua ação, sua palavra, sua vontade artística. Tessler nos mostra que, apesar das palavras possuírem significados e sentidos universais, quando solicitadas de forma individualizada carregam memórias, significados e sentidos particularizados, intrínsecos na vivência de cada um.

Marcados pela arte de Tessler, por essa experiência artística, procuramos, desde então, explorar a participação do público visitante da galeria. Pensando a mediação artística como um lugar de embate de idéias e de abertura conceitual e artística, construímos um método de mediação que propõe a participação ativa, uma "fazeção". Um falar e um fazer verbal/manual/visual/sensorial que convida os visitantes a colocarem a "mão na massa", a formar e deformar imagens, conceitos e idéias. Convidamos o visitante a gerar sentido fazendo arte, dizendo dos seus sentidos, alargando/resignificando os sentidos das obras através das suas vivências e memórias. Mediar é buscar a ampliação dos significados das obras (da exposição) a partir daquilo que cada visitante traz com relação a arte ou não, a partir de sua expressão gráfica, verbal e oral.

Nosso método tem como alicerce a participação dos visitantes, que deixam de ser simples observadores e passam a ser ativos, trazendo para o restante do grupo em mediação suas sensações, percepções e memórias, criando imagens/escritas e imaginando imagens, memórias.

Entendemos que as obras de arte são feitas com um grau de intencionalidade, entretanto, para nós o importante é como a obra *repercutirá* no

individuo. E, sobre *repercussão,* Bachelard [5] nos diz que ela acontece quando tomamos pra si experiências, imagens, poemas, ou seja, quando assumimos como nossos e os modificamos, interferimos. O indivíduo passa a reestabelecer significados conforme as experiências.

A prática de mediação proposta pelo grupo tem como objetivo integrar o visitante, a obra, o artista e a exposição, para que o visitante ao entrar em contato com a obra possa reconfigura lá em si. Para isso, vamos além da leitura iconológica ou iconográfica da obra de arte. A cada exposição, o grupo se reúne para uma conversa com o artista, no intuito de saber mais sobre sua vivência e obra. A partir desse contato, nos reunimos e criamos em conjunto uma prática de mediação para aquela exposição. Os mediadores são os primeiros a experienciar tal prática, para em seguida modificar, se necessário.

A mediação geralmente começa com uma recepção acolhedora. Encaminhamos o grupo de visitantes à Galeria para o primeiro contato com as obras em exposição, e de forma livre, incitamos conversas, perguntas e trocas de pontos de vista, de sensações. Esse momento é muito importante, pois não somente respondemos as perguntas, mas conversamos sobre formas e fôrmas de perceber a arte e a vida. Nessa conversa, é possível perceber a que direção podemos potencializar a experiência/contato com a arte e as obras em questão, articulando tais potências na prática de mediação, e, rearticulando tal prática quando necessário.

Cada mediação acontece no tempo equivalente a, mais ou menos, 1hora. Após as mediações o grupo torna a reunir-se para refletir, conversar e avaliar a mediação como um todo e a prática de mediação: como transcorreu, se foi satisfatória, apontar nossos pontos de vista, os positivos e os negativos, quais os apontamentos feitos pelo grupo e se é necessário fazer alterações.

Uma experiência da Prática de Mediação

A exposição *Brumas e Interiores*, do artista gaúcho Rafael Pagatini, foi uma experiência de prática de mediação que potencializou o que procuramos trabalhar a partir das experiências de cada visitante. Nessa mediação, propúnhamos uma

prática de mediação, uma "fazeção", que solicitava uma viagem as memórias (Fig 3). Pedíamos: uma memória! E, aquele que escolhe uma memória, não seleciona qualquer memória, ele vasculha, remexe, refaz, recria. Resignificamos. E, através do desenho, da grafia, da marca deixada no papel, memória de um contato, cada um imaginava e traçava as memórias para aquele instante.

Nesse momento da prática, ativamos experiências e, então, pulsam imagens. Pois, as coisas carregam memórias. Rafael Pagatini trabalha suas xilogravuras em madeiras carregadas de memória. São madeiras de demolição, das casas que cederam espaço à construção de condomínios residenciais na sua cidade natal.

Carregamos as vivências através das memórias. Porém, as memórias são feitas de imagens frágeis, mutantes, pouco nítidas. São como imagens veladas, como bruma que nubla a visão. E, pensando nessa velatura, solicitamos aos visitantes que, após buscar e inscrever memórias/imagens no papel, velassem seus desenhos. Através da frotagem, as imagens traziam a sobreposição de tempos, ou melhor, a atualização da memória: além da representação/atualização do que passou, agora a velatura trazia uma memória visual/tátil do lugar em que estávamos, daquele instante.

Então, misturando e sobrepondo imagens, memórias e tempos, embaralhamos os desenhos de cada participante (Fig.4 e 5) e criamos uma narrativa coletiva que era impulsionada pelo o que cada visitante via do desenho/frotagem do outro: com todos os desenhos numa caixa, um a um é retirado aleatoriamente, enquanto uma pessoa de cada vez narra os acontecimentos que a imagem lhe remete. A pessoa posterior continua a fantasia da anterior, a fim de criarmos uma grande história. Construímos histórias coletivas a partir da memória de cada visitante.



Fig. 3: Registro da prática de mediação realizada na exposição do artista Rafael Pagatini.

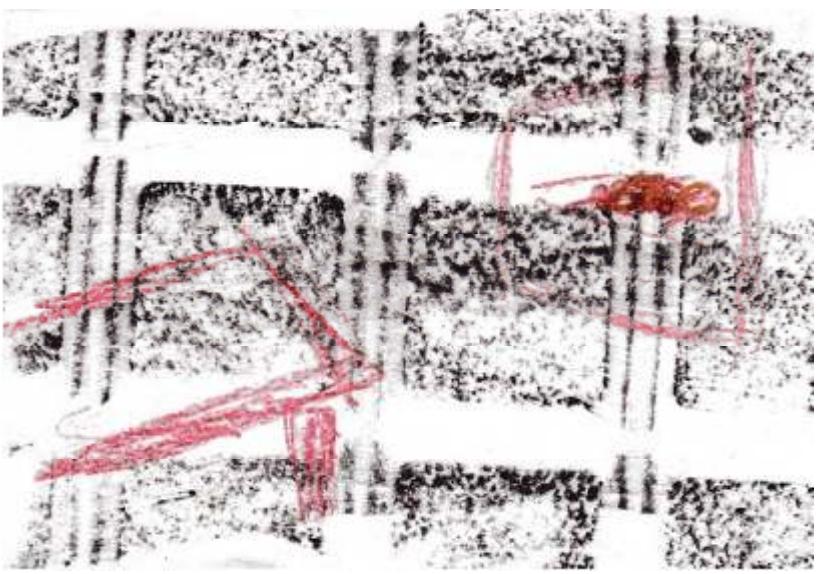

Fig. 4: Desenho/frotagem realizado na mediação prática realizada da exposição do artista Rafael Pagatini.

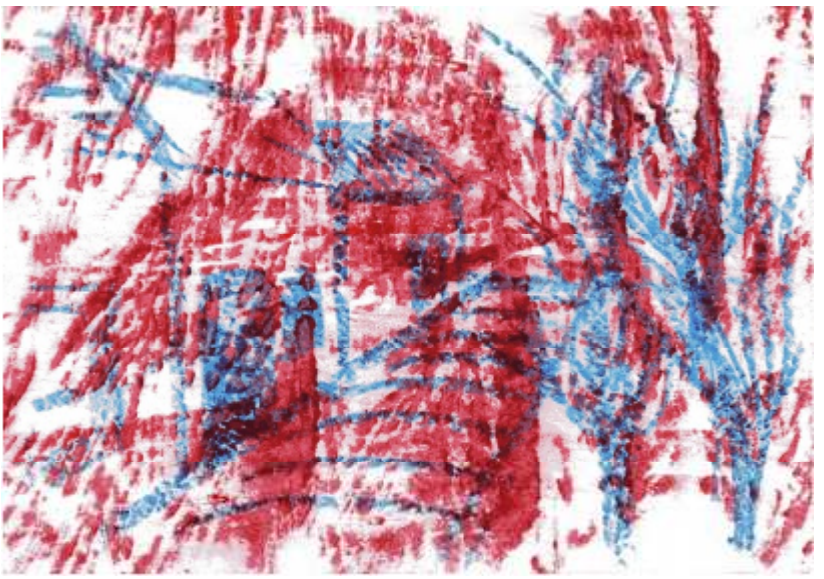

Fig.5: Desenho/frotagem realizado na mediação prática realizada da exposição do artista Rafael Pagatini.

A conclusão como um novo começo

Propondo uma mediação artística que envolve a criação artística, através de uma prática de mediação vinculada às ideias e imagens da respectiva exposição, bem como àquelas trazidas por cada visitante da galeria de arte, temos a possibilidade de um envolvimento que permite construir e desconstruir, sem a existência de certo ou errado, relações e encontros sensório/artísticos. Na construção, na "fazeção" artística, o visitante produz sentido mental e material com o artista. Em certa medida, ele é convidado a fazer junto com o artista, a produzir a partir dele, mas não somente através dele. A criação é entremeada por aquilo que o visitante vê, por suas percepções e pontos de vista.

A cada mediação percebemos que cada grupo de visitantes traz consigo, experiências e sentimentos diferentes e que isso nos afeta diretamente. Por isso, é sempre um desafio receber um novo grupo. Quando nos despedimos de um grupo mediado, temos o sentimento de ter realizado uma mudança em cada sujeito, pois cada grupo, cada experiência de mediação nos modifica, enquanto grupo e enquanto indivíduo. Então, trabalhamos com um resultado que é, em certa medida, invisível, mas com uma força intrínseca que só a experiência traduz.

Referencias

[1] Jarry, A. (1980). Gestes et opinions du docteur Faustroll, pataphysicien, Gallimard, Livre II *Éléments de 'pataphysique*, chapitre VIII.

[2] Grinspum, D. *Museu e escola*: responsabilidade compartilhada na formação de públicos Disponível em: <http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=4>. Acesso 12 set. 2011.

[3] Saraiva, F.R.dos Santos. (sem data). *Novissimo Dicionario Latino-Portuguez*. 9ª edição. p.721.

[4] Martins, M. C. (org). (2005). *Mediações*: provocações estéticas. São Paulo: Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-Graduação, p.50.

[5] Bachelard, G. (2005). *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, p.7 e 31.
Larrosa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28.